

## ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO LETRAMENTO CONTEXTUALIZADO

TEACHING-LEARNING FROM CONTEXTUALIZED LETTERING

MORAES, Bruna Lara Campos de; ROCHA, Ricael Spirandeli

**Grupo Temático 4. Epistemologia e Produção de conhecimento no contexto da Educação e Tecnologias**

**Subgrupo 4.2 Epistemologias e fundamentação teórica para as novas tecnologias aplicadas à educação”**

**Resumo:**

*A escola como espaço e instituição formadora de cidadãos deve ser locus de auxílio para autonomia, respeito e valores para que os alunos se tornem capazes de atuar nos contextos sociais nos quais possam estar inseridos, pois a educação deve promover o desenvolvimento intelectual e crítico para a cultura, sociedade e compreensão e interpretação dos fatos naturais. Para além disso o indivíduo deve se interessar por sua formação e qualidade, assumindo a autoria de sua própria história. Pensando nisso, o presente artigo visa promover uma reflexão a partir da abordagem do letramento e do ensino contextualizado, tendo a escola como um espaço propício para o conhecimento significativo e para a superação das dificuldades dos estudantes. O principal objetivo desta abordagem é contribuir para as discussões que compreendem a contextualização como ideia crucial para o desenvolvimento de competências para o efetivo exercício da cidadania do aluno e uma aprendizagem efetiva, contribuindo para a formação de novos cidadãos do futuro.*

**Palavras-chave:** Contextualização; Letramento; Cidadania; Aprendizagem efetiva.

**Abstract:**

*The school as a space and institution that educates citizens must be a locus of aid for autonomy, respect and values so that students become capable of acting in the social contexts in which they may be inserted, since education must promote intellectual and critical development for the culture, society and understanding and interpretation of natural facts. In addition, the individual must be interested in their training and quality, assuming the authorship of their own history. With this in mind, this article aims to promote reflection based on the approach of literacy and contextualized teaching, with the school as a propitious space for meaningful knowledge and for overcoming students' difficulties. The main objective of this approach is to contribute to discussions that understand contextualization as a crucial idea for the development of skills for the effective exercise of student citizenship and effective learning, contributing to the formation of new citizens of the future.*

**Keywords:** Contextualization; Literacy; Citizenship; Effective learning.

### 1. Introdução

Tornar a aprendizagem significativa é crucial para o ensino apropriado e para a efetivação da aprendizagem. Rodrigues e Amaral (1996, *apud* Kato e Kawashi, 2011, p.37) ao afirmar que “trazer a própria realidade do aluno, não apenas como ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem, mas como próprio contexto de ensino” mostra que o modelo tradicional o qual o ensino foi moldado, fragmentar e isolado, está defasado, e que a sala de aula se torna local de valorização da vivência em sociedade.

É devido a esse reconhecimento da necessidade de contextualização do ensino que este artigo visa promover uma reflexão a partir desse princípio nas práticas de letramento, levando em consideração a escola como ambiente propício para a formação do cidadão, tendo em vista o aprendizado como formação para a cultura, sociedade e compreensão dos fatos naturais, e não somente como transmissão de conteúdo.

Antes de tudo, é válido ressaltar que a educação, por ser um direito de todos, deve ser também visto como uma necessidade, pois:

Vivemos numa sociedade complexa, repleta de sinais contraditórios, inundada por canais e torrentes de informação numa oferta de ‘sirva-se quem precisar e do que precisar’ e ‘faça de mim o uso que entender’. O cidadão comum dificilmente consegue lidar com a avalanche de novas informações que o inundam e que se entrecruzam com novas ideias e problemas, novas oportunidades, desafios e ameaças (ALARCÃO, 2011, p.14).

Nesse sentido, compreende-se que a sociedade cada vez mais exigente impera cidadãos mais críticos e capacitados para atender às exigências sociais, o que valida ainda mais a ideia de que os conteúdos abordados em sala de aula devem e precisam ser trabalhados de forma contextualizada.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta em seu texto as seguintes competências gerais:

- A contextualização sociocultural das ciências e da tecnologia deve ser vista como uma competência geral, que transcende o domínio específico de cada uma das ciências [...];
- Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho [...];

Portanto, percebe-se que a prática do ensino contextualizado é imperiosa e urgente, visto que a abordando para além seu sentido estrito proporciona abordagens históricas, análise culturais, interdisciplinaridade, temas transversais, contexto proativo e retroativo, etc., como aponta Vieira Junior (2019), ou seja, um entendimento amplo, o que marca a importância dessa abordagem.

## 2. Práticas de Letramento

O termo Letramento será abordado, pois no processo de ensino-aprendizagem, ele é fundamental para que se compreenda a contextualização como elemento crucial para a formação crítica e cidadã do aluno. Nesse sentido, primariamente, vale considerar que as informações, os sentidos, a comunicação, entre outros, é efetivada por meio da língua, ou seja, para que o sujeito saiba e consiga agir em sociedade é preciso codificar, decodificar e utilizar a língua nas mais diversas camadas sociais.

A língua está sendo versada, pois é por meio dela que todas as outras abordagens de disciplinas se realizam, então, se o seu uso não for bem compreendido e operado, todos os outros

fatores serão comprometidos, considerando que a sociedade, uma vez sendo complexa, faz com que os sujeitos se encontrem em situações cada vez mais desafiadoras.

Assim, compreende-se que:

Se as crianças crescem em comunidades iletradas e a escola não as introduz na linguagem escrita (em toda a sua complexidade), talvez cheguem a atingir esses “mínimos de alfabetização”, que lhes permitam seguir instruções escritas e aumentar a sua produtividade em uma fábrica, contudo não teremos cidadãos para este presente nem para o futuro próximo. Há que se alfabetizar para ler o que os outros produzem ou produziram, mas também para que a capacidade de “dizer por escrito” esteja mais democraticamente distribuída. (FERREIRO, 2004, p. 54).

Nesse sentido, para a abordagem da contextualização, é necessário citar esta afirmação de Magda Soares a qual afirma que letrar é “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita” (SOARES, 2011), ou seja, se o cidadão não for letrado, ele terá o mínimo de consciência crítica para compreender e para participar de uma aula contextualizada, pois é preciso que haja interpretação, compreensão e capacidade de discussão, uma formação completa.

Assim, percebe-se que para um bom aprendizado, a contextualização deve ser abordada a partir de um bom ensino do uso da língua materna, pois como dito inicialmente, tudo se efetiva por meio dela, para que as dificuldades sejam superadas, pois não há uma boa resolução matemática, se o aluno não entende o problema apresentado; uma proposta de intervenção na sociedade não se torna eficaz, se o aluno não compreende a história, e não há uma boa discussão em um debate proposto em sala, se o aluno não compreende as diversas formas de uso da língua, a qual devido ao contexto possui suas especificações.

### 3. Ensino para a cidadania

Nesta seção, será abordada como o ensino é e deve ser importante para a promoção da cidadania, no sentido de formar pessoas que compreendem seu lugar na sociedade, ou seja, se reconheçam como cidadãos críticos e questionadores, capazes de fazer a leitura dos mais variados contextos sociais.

Como dito anteriormente, letrar um aluno vai para além da decodificação de palavras e números, mas para que essa decodificação serve, como é e quando ser utilizada, por isso a importância da contextualização na sala de aula, valorizando não somente o conhecimento prévio ou a realidade do aluno, mas também as diversas realidades existentes e que possam ser trabalhadas na escola.

Nesse sentido, a língua é abordada aqui como primordial a ser trabalhada na escola por ser por meio dela que os sentidos se efetivam, as relações humanas e as relações entre sujeito e sociedade.

Assim, percebe-se a escola como ambiente propício para a construção da cidadania, tomando-se aqui o termo cidadão não apenas como o direito de votar, mas em um sentido amplo como afirma Zwetsch (2015) que um dos conceitos atuais de cidadania é exposto por Reis, a cidadania possui relação com os direitos sociais que engloba a educação, os direitos civis e também os direitos políticos.

Portanto, viver em cidadania não é apenas saber sobre os direitos sociais, mas como vivê-los, saber também seus deveres como sujeitos que precisam agir e pensar de forma independente, e a educação é melhor caminho para isso.

#### 4. Reflexões acerca da aprendizagem

Infelizmente em pleno século XXI ainda nos deparamos com concepções arcaicas de educação, que insistem em ver os alunos como “folhas em branco” que devem ser “preenchidas” com uma avalanche de conteúdos reproduzidos mecanicamente pelos educadores de forma cômoda, monótona, alienante e rigorosamente embasada pelos livros didáticos.

No entanto, as crianças já chegam as escolas com saberes do mundo acumulados devido as experiências com o seu meio e com as pessoas que fazem parte dele, ou seja, eles não são “folhas em branco”. Antigamente, para elas, era mais difícil ter acesso aos saberes didáticos/educacionais formais, pois não haviam as tecnologias e as populares enciclopédias da época, tinham um alto valor monetário. Sendo assim, o que o professor dizia em sala de aula era “lei” pois não havia como os alunos contextarem aquele conteúdo, por não conhecer outras informações sobre ele e ainda mais pela conduta disciplinar severa que moldava o comportamento dos discentes.

Porém, as crianças de hoje encontram-se cada vez mais críticas, pois o acesso a informação está a um clique do celular ou do mouse, e isso não deve ser negligenciado, já que elas são tão capazes de pensar, levantar questionamentos, criar hipóteses investigativas e criar uma forma de solução para uma problemática, quanto os adultos, ou seja, “se a educação não for transformadora, ela não tem sentido” (FREIRE 2002 apud NASCIMENTO & SANTOS, p. 169) ela tem que ultrapassar as paredes da sala de aula e os muros da escola com metodologias ativas que colocam os alunos no centro do processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem para os humanos é uma dádiva, pois, para aprendermos, temos que criar esse conteúdo de forma que ele se torne significativo em nossa mente, para que possamos ampliá-lo de várias formas, como a curiosidade, o que é bem diferente do ato de repetir e memorizar a lição dada. Então aprender para nós é uma aventura, é descobrir um novo mundo, é viajar sem sair do lugar, e o nosso aprendizado abre portas, ele nos torna “grandes”, sobre isso, Freire (2006, p.69) diz:

Somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em que aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Tudo isso é possível devido a curiosidade que é nata delas, “como manifestação presente a experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída” (FREIRE, 2006, p. 32).

Estimular isso é fundamental independente da idade e da modalidade de ensino em que se encontram. Ela se faz tão importante porque, se analisarmos, veremos que a curiosidade nos possibilita muitas coisas, e todos possuímos nem que seja um pouco dela, pois faz parte de nosso instinto humano.

O que seria da sociedade hoje, se alguém lá no passado não tivesse tido a curiosidade para inventar uma máquina para armazenar informações e acabasse criando o tão popular computador, que é ferramenta de trabalho para muitos profissionais hoje? Se voltarmos ainda mais no tempo, e se alguém não tivesse dedicado seu tempo para que houvesse luz à noite e descobrisse assim a eletricidade, que está constantemente presente em nosso dia-a-dia? Se a curiosidade possibilitou grandes avanços para o mundo, então imaginem o que ela poderia fazer

pela educação! Podemos acrescentar a esse argumento as concepções de Nascimento & Santos, (2015, p. 171):

O educador exerce o papel de mediador propondo desafios e provocando dúvidas, fazendo com que o educando pense, repense e busque novas respostas para um determinado assunto, reformule suas ideias para que assim consiga analisar e transmitir os resultados obtidos com sua busca pelo conhecimento.

Para isso, o incentivo e o estímulo tanto na escola quanto em casa é fundamental, é necessário que o docente instigue e aguçe a curiosidade de seus alunos, que eles possam interagir compartilhando suas experiências que tem relação com o conteúdo. Portanto, os professores devem criar métodos e possibilidades para que eles se interessem mais pelas aulas, uma vez que, se eles estiverem interessados, será mais fácil de ocorrer a aprendizagem (e não apenas a memorização do conteúdo para a prova).

Além disso, os fatores externos influenciam na nota, mas os educadores acabam deixando esses detalhes passarem despercebidos, como por exemplo: o nervosismo devido a avaliação eminente e a situação familiar, emocional e psicológica da criança naquele momento; que consequentemente levam a uma queda na nota.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O “ensinar a estudar” parece banal, porém a maior parte dos educadores acaba deixando isso de lado, e já vimos que isso é um erro que prejudica todo o processo de ensino. Pois, por mais que o professor dê um espetáculo de aula seguindo as dicas que foram abordadas neste texto, de nada adiantará, se o aluno não chegar em casa e estudar/revisar novamente aquele conteúdo.

Devemos isso a nossa memória que tem uma capacidade de absorver informações limitada, e se nosso cérebro achar que aquele conteúdo não é importante porque só o vivenciamos uma vez na sala de aula, ele o descartará, isso fará com que o discente o decore só para tirar uma boa nota na prova, por isso, ensinar os alunos a estudar é primordial, não é à toa que não conseguimos lembrar de quase nada dos conteúdos que já aprendemos na escola, já que “quem aprende nunca esquece” e se esquecemos é porque não aprendemos.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola deve estar em um processo contínuo de desenvolvimento e de ressignificação, pois por ser um *locus* formador de sujeitos que se reconheçam como cidadãos, é necessário que a maneira que a educação se efetiva seja constantemente revista, pois os caminhos que a escola constrói deve estar direcionado para a formação autônoma dos alunos.

Dessa forma, este artigo visou promover uma reflexão a partir da abordagem do Letramento para destacar a relevância da contextualização no processo ensino-aprendizagem, visto que a educação, por ser um direito, precisa desenvolver competências do aluno para que no meio social possa questionar e agir, ou seja, assumir papéis de sujeitos que compreendem como a sociedade é dinâmica e que é necessário se adaptar a ela.

Com tudo, podemos concluir que ensinar vai além de transmitir meramente os conteúdos de forma expositiva e tradicional, essa ação não é fácil, ela exige grande responsabilidade e comprometimento de quem o faz. Já que a aprendizagem precisa ter significado para os alunos, e eles

devem participar ativamente desse processo, cabendo então aos professores adotarem as metodologias ativas e investigativas, e disseminarem a curiosidade epistemológica, ensinando-os a estudar e se desvinculando da concepção da “importância” da nota.

Sendo assim, é possível afirmar que é necessário que os professores invistam na formação continuada e estejam sempre estudando para possibilitar aos alunos uma aprendizagem concreta de forma que concepções arcaicas da educação sejam superadas e os alunos não decorem meramente os conteúdos por causa de nota.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2017.

FERREIRO, Emilia. Com todas as letras. 12. ed. São Paulo: cortez, 2004

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. Ed. São Paulo: Paz e terra, 2006. 148p.

KATO, D. S; KAWASAKI, C. S. as concepções de contextualização do ensino em documentos curriculares oficiais e de professores de ciências. *Ciência & Educação*, v. 17, n. 1, p. 35-50, 2011.

NASCIMENTO, Josiele; SANTOS, Maria Goretti Teresinha dos Anjos e. **Vida e obra de Rubem Alves**: visões e contribuições para a educação. 2015, p. 167-175.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

*Universitário Franciscano* v. 26. N. 1, p. 55-64, jan/jun., 2006 – Santa Maria, RS.

VIEIRA JUNIOR, Niltom. Estratégias de ensino e aprendizagem/ Niltom Vieira Junior. - - Arcos, 2019.

YOSHIKAWA, Luisa Miyuki. Genders, literacy and citizenship: the production of a school newspaper in adult education. 2016. 99f. Dissertação (Mestrado em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias) – Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2016.

ZAMBAM, Neuro Jose. Educação, condição de agente e cidadania. Vidya, Centro